

Joana do beiju

Edjane dos Santos Gomes

Irará, Bahia, Brasil

saintedjane14@gmail.com

Licenciada em Matemática

Universidade Estadual de Feira de Santana

Era fim de tarde na feira livre de Irará. O burburinho das barracas começava a silenciar, o cheiro de frutas maduras misturava-se ao de farinha torrada, e o sol cansado se escondia entre as lonas coloridas. Foi nesse momento de sossego que encontramos Joana, mulher quilombola da Tapera Melão que é também a mulher do beiju.

Joana estava lá desde cedo, como sempre. Chega com o sol, mas sua energia parece não se esgotar. Quando viu a câmera, nem titubeou. Deu um sorriso e foi logo falando, com aquele jeito de quem já tem muito o que contar.

"Porque lá em minha comunidade, foi passando de geração em geração", disse, enquanto ajeitava os pacotes na banca. "Minha bisavó fazia, minha avó também, depois minha mãe... e agora sou eu. Sou a quarta geração."

Falar do beiju era como abrir um baú de memórias. O orgulho escapava em cada palavra. Joana não é só vendedora. É dona do próprio negócio, da própria história. "Ser dona do meu negócio é grande coisa. A gente não fica sendo mandada por ninguém."

Ela explicou o ofício com a precisão de quem domina a prática: "A gente só trabalha nessa feira, no sábado. Produz durante a semana e vende tudo de uma vez." E é tudo no cento: "O cento tá custando vinte reais. Quem não quiser o cento, leva doze. O menor que a gente vende são doze unidades."

Perguntamos do preço. "Dois e cinquenta." Simples assim.

Sobre o momento do troco e se o pagamento é em espécie? "Dinheiro mesmo. Não, não tem dificuldades não".

No caso de alguém comprar três pacotes de beiju por R\$2,50, como a senhora faz para dar o troco? "Depende do valor que ele me der. Se ele me der vinte reais, eu vou

voltar ele doze e cinquenta (R\$12,50), se me der dez reais, eu vou voltar dois e cinquenta (R\$2,50)".

E se o freguês aparecer com uma nota alta? "Nem que ele venha com nota de quinhentos, eu sei dar o troco", respondeu, segura. São vinte e um anos vendendo beiju, e o cálculo vem da cabeça, do costume, do dia a dia. Matemática de feira, aprendida na lida.

Em sua fala, a matemática não vem em forma de fórmulas ou equações, mas pulsa em cada cálculo do dia a dia. O beiju, que ela mesma produz durante a semana, é vendido aos sábados na feira. Tudo é pensado: a quantidade certa para não sobrar, o preço justo que cabe no bolso do freguês.

A produção começa em casa, com a matéria-prima comprada dos fornecedores. "É uma base só, uma massa só. A gente não usa forma. É tudo na colher. E com a colher, a gente faz esse formato todo." Tem beiju canoinha, redondo, de coco, cortado, pequeno... tem para todos os gostos.

No fim, agradecemos. Joana sorriu de novo: "A gente tá aqui sempre pra ajudar."

E ali, entre a simplicidade da fala e a força da tradição, entendemos: o beiju de Joana é mais do que alimento. É herança, é resistência, é matemática de afeto.

Ao observar Joana, é impossível não perceber como seu saber matemático está entranhado em sua prática. São vinte e um anos de feira, onde cada venda é também um exercício de raciocínio, onde a colher que molda o beiju vira instrumento de medida, de forma, de geometria viva.

Joana é, antes de tudo, mestra de um saber ancestral, construído na lida e transmitido no afeto. Seu trabalho nos lembra que a matemática também mora na feira, na cozinha, na banca de beiju. E que, ao valorizar esses saberes, a Etnomatemática se torna um caminho de reconhecimento, dignidade e inspiração.

Joana do beiju

Joana the Beiju maker

Joana la beijuzeira

Resumo

A presente crônica apresenta a história de Joana, vendedora de beiju na feira livre de Irará, Bahia. Por meio de uma entrevista, são destacados saberes matemáticos presentes em sua prática cotidiana, como a organização da produção, a divisão e precificação dos produtos e o cálculo mental necessário para o troco. O texto busca evidenciar como esses saberes, transmitidos entre gerações, revelam uma matemática viva, contextualizada e carregada de significados culturais. Assim, contribui para o fortalecimento de uma perspectiva etnomatemática que valoriza os conhecimentos construídos no cotidiano.

Palavras-chave: Etnomatemática; Feira livre; Beiju; Saberes populares; Educação Matemática.

Abstract

This chronicle presents the story of Joana, a beiju seller at the street market in Irará, Bahia. Through an interview, it highlights the mathematical knowledge embedded in her daily practice, such as production organization, product pricing and division, and mental calculation for change. The text aims to show how these intergenerationally transmitted skills reveal a living, contextualized mathematics rich in cultural meaning. It contributes to strengthening an ethnomathematical perspective that values knowledge constructed in everyday life.

Keywords: Ethnomathematics; Street market; Beiju; Popular knowledge; Mathematics Education.

Resumen

Esta crónica presenta la historia de Joana, vendedora de beiju en la feria libre de Irará, Bahía. A través de una entrevista, se destacan los conocimientos matemáticos presentes en su práctica cotidiana, como la organización de la producción, la división y el precio de los productos, y el cálculo mental necesario para el cambio. El texto busca mostrar cómo estas habilidades transmitidas entre generaciones revelan una matemática viva, contextualizada y cargada de significados culturales. Así, contribuye al fortalecimiento de una perspectiva etnomatemática que valora los conocimientos construidos en la vida cotidiana.

Palabras clave: Etnomatemática; Feria libre; Beiju; Saberes populares; Educación Matemática.